

Mamíferos - *Dasypus septemcinctus* - tatuí

Avaliação do Risco de Extinção de *DASYPUS SEPTEMCINCTUS* (LINNAEUS, 1758) no Brasil

Mariana de Andrade Faria-Corrêa¹, Kena Ferrari Moreira da Silva², Teresa Cristina da Silveira Anacleto³, Thiago Philipe de Camargo e Timo⁴

Instituição dos autores

¹ONG THERIS - Pesquisa, Manejo e Conservação da Vida Silvestre.
mariana@simbiota.com.br

²Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, Universidade Federal de Santa Cruz - UESC/BA. kenaferrari@hotmail.com

³Laboratório de Mamíferos, Departamento de Biologia, Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. teresacristina@unemat.br

⁴Pequisador Associado à Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. thiago.timo@gmail.com



Ordem: Cingulata

Família: Dasypodidae

Nomes comuns por região/língua:

Português – É conhecido popularmente como tatu-í, mulita, tatu-mirim; tatu-mula; muleta; tatu-china (Superina & Aguiar 2006) ou ainda tatu-bolinha (Pedro et al. 2005).

Inglês – seven-banded armadillo; seven-banded long-nosed armadillo (Superina & Aguiar 2006).

Outros – mulita chica (espanhol); tatu mulita (espanhol, Argentina) (Superina & Aguiar 2006).

Sinonímia/s: Por muitos anos *Dasypus septemcinctus* foi considerado sinônimo de *Dasypus hybridus* (Abba & Superina 2010).

Notas taxonômicas:

Não há problemas relevantes para a validade da espécie e não existem revisões taxonômicas em curso.

Categoria e critério para a avaliação da espécie no Brasil: Menos Preocupante (LC).

Justificativa:

Dasypus septemcinctus é comum e possui ampla distribuição, é relativamente tolerante a alterações ambientais e as ameaças detectadas não comprometem a população como um todo, sendo, portanto, categorizada como Menos Preocupante (LC).

Histórico das avaliações nacionais anteriores:

Táxon não consta na última avaliação nacional.

Avaliações em outras escalas:

Avaliação Global (IUCN): Menos Preocupante (LC) (Abba & Superina 2010).

Avaliação Estadual:

Espírito Santo - Dados Deficientes (DD) (Passamani & Mendes 2007);

Rio de Janeiro - Presumivelmente Ameaçado (PA) (Bergallo et al. 2000);

Minas Gerais - Deficiente em Dados (DD) (Biodiversitas 2007);

Paraná - Dados Insuficientes (DD) (Mikich & Bérnuls 2004);

São Paulo - Pouco Preocupante (LC) (SMA 2009).

Descrição geral do táxon

É a menor espécie do gênero *Dasypus*, entretanto possui orelhas maiores que *Dasypus hybridus* (Eisenberg & Redford 1999). A carapaça tem de seis a sete cintas móveis. A coloração da carapaça é escura com alguns escudos amarelados e sua cauda é relativamente curta (Eisenberg & Redford 1999). Assim como os demais tatus deste gênero, possui quatro dedos nos membros anteriores e cinco nos posteriores (Nowak 1999). Os indivíduos adultos de *D. septemcinctus* podem ser confundidos com os jovens de *D. novemcinctus*. Possui um cariótipo de 2n=64 cromossomos e um genoma de tamanho 5.17pg (+/-0.25) ou 5056 Mbp (Redi et al. 2005).

História de vida

Biologia: Segundo Nowak (1999), *Dasypus septemcinctus* tem hábito solitário e noturno, mas esta espécie tem sido observada geralmente em atividade durante o dia. Em área de cerrado, foram observados indivíduos ativos entre 10:00 e 17:00hrs em censos diurnos (Silva 2006). Também em área de cerrado, Bonato (2002) encontrou indivíduos ativos somente entre 6h e 14h. Em área de cerrado do Brasil Central, *Dasypus septemcinctus* alimentou-se principalmente de insetos (formigas e cupins), sendo o gênero Camponotus (Formicidae) a categoria alimentar mais frequente em sua dieta (presente em 95% das amostras fecais), seguido de Velocitermes (Isoptera; presente em 51,7% das amostras fecais). *D. septemcinctus* eventualmente ingeriu aracnídeos, outros artrópodes e frutos de *Miconia* sp. (Melastomataceae) (Silva 2006).

Massa de adultos	
Fêmea	Em média de 1kg +/- 0,3kg (acima de 0,7kg; N=5) no Cerrado do Brasil central (Silva 2006), podendo atingir até 1,5kg (Wetzel 1985a).
Macho	Em média 0,9kg +/- 0,2kg (acima de 0,7kg; N=8) no Cerrado (Silva 2006)
Comprimento total	
Fêmea	Em média 26,5cm (Wetzel 1985a).
Macho	
Comprimento cauda (cm)	
Fêmea	Em média 14,7cm (Wetzel 1985a).
Macho	
Altura da orelha	
Fêmea	3,0 a 3,8cm (Emmons 1990).
Macho	
Razão sexual	Silva & Henriques (2009) encontraram uma razão sexual de 1:1 (6 machos para 5 fêmeas) em área de Cerrado sensu stricto do Brasil Central (DF).
Sistema de acasalamento	Não há informação
Intervalo entre nascimentos	Não há informação
Tempo médio e intervalo de gestação	Não há informação
Número de filhotes por gestação	A poliembrionia monozigótica (geneticamente idênticos) é exclusividade de <i>Dasyurus</i> (Galbreath, 1985, pgs. 243-246). Segundo Esquivel citado em Smith (2008), as fêmeas tem ninhadas de 7 a 9 indivíduos.
Idade de maturação dos indivíduos	
Fêmea	274 dias (AnAge).
Macho	Não há informação
Longevidade	Um espécime viveu por 16,8 anos em cativeiro (Weigl 2005 citado em AnAge).
Tempo geracional	Tempo geracional estimado em 8,5 anos, sendo considerado o período de 3 gerações, igual a 26 anos.
Sazonalidade reprodutiva	Em cerrado, indivíduos adultos ($\geq 0,7$ kg) em condição reprodutiva foram capturados em novembro e junho e filhotes (considerando indivíduos entre 150 e 300 g; N=5) somente em dezembro e janeiro, sugerindo que o período reprodutivo desta espécie ocorre no meio do período do seco e início do período do chuvoso (junho-setembro) e que os jovens da população são recrutados na estação chuvosa (Silva & Henriques 2009, K.F.M. Silva, dados não publicados).
Enfermidades: doenças e parasitas encontradas para o táxon	
No Paraguai, Nava citado em Smith (2008, p. 4) registrou o carapato Ixodidae, <i>Ambliomma auricularum</i> em <i>Dasyurus septemcinctus</i> . Esta espécie é naturalmente afetada pelo fungo <i>Paracoccidioides brasiliensis</i> causador de uma micose que contamina humanos através da inalação de esporos. Richini-Perreira et al. citado em Smith (2008) encontraram um indivíduo atropelado desta espécie no estado de São Paulo (Brasil) infectado com <i>P. brasiliensis</i> em parte dos pulmões, baço, fígado e linfonodos mesentéricos.	

Distribuição geográfica

Dasypus septemcinctus não é uma espécie endêmica do Brasil, ocorrendo também na Bolívia, Paraguai e Argentina (Abba & Superina 2010). A espécie se distribui a partir da porção sudeste da Bacia Amazônica até o extremo norte da Argentina. Limita-se a oeste pelo Mato Grosso e Chaco no Paraguai, englobando as áreas centrais do Brasil até o Rio Grande do Sul, leste do Brasil, leste da Bolívia e Paraguai (Wetzel 1985a, 1985b, Emmons 1990, Eisenberg e Redford 1999). A sua distribuição ao sul é incerta devido às semelhanças morfológicas com *Dasypus hybridus*, *D. yepesi* e *D. novemcinctus*. A presença de *D. septemcinctus* no norte da Argentina é incerta (Abba & Superina 2010). A distribuição abrange em todos os biomas brasileiros: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa (Fonseca et al. 1996, Paglia et al. 2012). Para o Pampa, os registros de tatus-mulitas não especificam ou deixam dúvidas a qual espécie pertencem (*D. hybridus* ou *D. septemcinctus*). Além disto, *D. septemcinctus* ocorre nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, Tocantins, Pará, Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal. Parte da carência de informações sobre a ecologia de *Dasypus septemcinctus* deve-se a semelhança com outras espécies do gênero *Dasypus* caso estas ocorram em sintopia, o que dificulta a separação acurada dessas espécies no campo, em especial *D. hybridus* no Rio Grande do Sul. Muitos estudos baseados em observações de campo podem estar registrando indivíduos jovens de *D. novemcinctus* como adultos de *D. septemcinctus* ou de modo inverso (Silva & Henriques 2009). Outro fator que dificulta o registro de ocorrência de *D. septemcinctus* é que esta espécie na maioria dos casos não é detectada por estudos utilizando armadilhas fotográficas, mesmo em locais onde sua presença é muito provável ou certa (Santos-Filho & Silva 2002, Sanderson & Silveira 2003, Silveira et al. 2003, Trolle & Kéry 2005, Ciocchete 2007, Perez 2008, Prado et al. 2008, Schittini 2009, Oliveira 2010, Zimbres 2010). Juarez (2008) teve três registros de *D. septemcinctus* com armadilhas fotográficas em áreas onde a presença desta espécie já foi confirmada (DF), apesar da identidade da espécie ser duvidosa, conforme o autor. Não se sabe se a distribuição atual do táxon está reduzida em relação a sua área de ocupação ou extensão de ocorrência histórica.

Extensão de ocorrência: 4.274.823,41km² (valor calculado para a Oficina de Avaliação do Estado de Conservação de Xenarthra Brasileiros).

Área de ocupação: Não se sabe, entretanto, é maior que 2.000km².

População

É uma espécie considerada comum, já que indivíduos da espécie são facilmente encontrados. A densidade populacional estimada através do método captura-recaptura no Cerrado do Brasil Central foi 0,3 indivíduos/ha (Silva & Henriques 2009). Não se sabe se há fragmentação das populações, todavia, se considerados os dados de densidade de adultos (0,30 indivíduos/ha), razão sexual (1:1) e a proporção de jovens e adultos (50:50) para *D. septemcinctus* do estudo de Silva & Henriques (2009), estes autores estimaram que seja necessária uma área de aproximadamente 6.700ha para manter esta espécie, supondo um tamanho populacional viável mínimo (TPVM) de 1.000 indivíduos adultos (Thomas 1990). Usando um valor de TPVM igual a 4.169 indivíduos como sugerido por

Traill et al. (2007), a área mínima estimada aumenta para 27.800 hectares. Apenas unidades de conservação maiores que esse valor poderia manter populações viáveis dessa espécie. Nas áreas menores e onde a densidade dessa espécie for baixa, a chance de populações viáveis será reduzida. A tendência populacional é desconhecida. Suspeita-se que exista aporte de indivíduos de fora do Brasil, entretanto não há informações sobre a contribuição relativa de populações estrangeiras para a manutenção das populações nacionais.

Hábitat e ecologia

Aparentemente, *Dasyprocta septemcinctus* prefere áreas secas, em oposição às áreas úmidas, principalmente em habitats abertos, prados e pastagens, incluindo Cerrado e Chaco. No Paraná, essa espécie de tatu ocorre nos Campos, Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Ombrófila Mista (Margarido & Braga 2004). Em Cerrado do sudeste do Brasil, Bonato (2002) encontrou dois indivíduos, um em campo sujo e outro em campo cerrado. *Dasyprocta septemcinctus* foi a principal espécie encontrada por Silva & Henriques (2009) em cerrado sensu stricto do Brasil Central, próximo a Brasília - DF. Ainda em Cerrado do Brasil Central (DF), esta espécie também foi capturada e/ou avistada em fisionomias de campo sujo, cerradão e mata de galeria (utilizando toca adjacente ao leito do córrego) (Silva 2006). No Parque Municipal do Bacaba, Nova Xavantina-MT, foi registrado durante o dia (pela manhã) em cerradão alterado (T.C.S. Anacleto, dados não publicados). O táxon não é restrito a habitats primários. Esta espécie, aparentemente, é capaz de resistir a níveis moderados de perturbação humana (McDonough et al. 2000). Na Mata Atlântica essa espécie foi registrada para áreas alteradas de campos e de mata (Loughry & McDonough 1997, McDonough et al. 2000, Araújo et al. 2008). Esta espécie foi observada em áreas queimadas, logo após eventos de fogo na Fazenda Água Limpa (cerradão) e na Reserva Ecológica do IBGE (RECOR, cerrado sensu stricto e campo sujo), ambas próximas a Brasília (DF) (K.F.M. Silva, dados não publicados). O valor da área de vida mínima estimada para uma fêmea adulta foi estimado em 0,44ha no Parque Nacional Serra da Canastra, Minas Gerais (Encarnação 1987). O maior tamanho da área de vida encontrado até o momento foi de 1,6ha referente a um macho monitorado em um cerrado do Brasil Central (Silva & Henriques 2009). *D. septemcinctus* e *E. sexcinctus* foram registrados forrageando muito próximos (5m). Não há registros de sobreposição interespecífica de área de vida entre os tatus. Estudos com *D. novemcinctus* indicam que a área de vida está correlacionada positivamente com a idade e a massa corpórea. *D. septemcinctus* é a menor espécie do gênero, consome basicamente cupins e formigas (Wetzel & Mondolfi 1979), costuma utilizar escavações de outras espécies de tatu (Eisenberg & Redford 1999) e possui pequena área de vida (Encarnação 1987, Silva & Henriques 2009). *E. sexcinctus* tem maior porte, consome grande variedade de animais e plantas (Redford & Wetzel 1985) e sua área de vida pode chegar a 900 ha (Encarnação 1987). Provavelmente há sobreposição das áreas de vida dessas espécies (Anacleto 2006).

Ameaças e usos

As principais ameaças identificadas para *Dasyprocta septemcinctus* foram: Predação por espécie exótica e caça. A caça, apesar de proibida no Brasil é um fator que pode

diminuir a densidade dessa espécie. Outro fator de ameaça a essa espécie, ainda pouco conhecida, é a predação por cães ferais (*Canis familiaris*) em áreas de conservação, como registrado no Parque Nacional de Brasília (DF) por Lacerda et al. (2009).

Ações de conservação

Até o momento não há oficialmente nenhum programa de conservação específico para *Dasypus septemcinctus*.

Presença em áreas protegidas

Dasypus septemcinctus já foi registrado em diversas Unidades de Conservação no país, tais como: Floresta Nacional Saracá – Taquera no Pará; Parque Municipal do Bacaba no Mato Grosso (T.C.S. Anacleto, dados não publicados); Parque Nacional das Emas em Goiás; Área de Proteção Ambiental Gama/Cabeça de Veado e Parque Nacional de Brasília no Distrito Federal; Parque Estadual do Turvo, Área de Proteção Ambiental da Lagoa Verde no Rio Grande do Sul; Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e Floresta Nacional Três Barras em Santa Catarina; na Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Monte Alegre e Parque Estadual Vila Velha no Paraná; Estações Ecológicas de Jataí e de Itirapina em São Paulo; Reserva Biológica Duas Bocas no Espírito Santo; Reservas Biológicas de Poço das Antas e União, Parque Nacional da Serra do Órgãos no Rio de Janeiro; Parque Estadual Veredas do Peruaçu, Estação Ecológica Fechos e Área de Proteção Especial Mutuca em Minas Gerais; Estação Ecológica Raso da Catarina na Bahia; Parque Nacional da Serra da Capivara no Piauí e Parque Estadual do Mirador no Maranhão. Citado também para as Terras Indígenas (TI) Xavantes do Rio das Mortes (Vila Xavante de Etenhiritipá), TI Parabubure e TI Areões (etnia Xavante) (MT; T.C.S. Anacleto, dados não publicados).

Pesquisas

Necessárias:

É de grande relevância a realização de inventários na região sul do Brasil a fim de esclarecer a sobreposição de distribuição com outras espécies de *Dasypus* (em especial, *D. hybridus*), além de pesquisas de biologia, genética e ecologia básica sobre esta espécie. Estudos que visem a quantificação do real impacto dos vetores de ameaças (caça e predação por cães).

Existentes:

Não se tem conhecimento de pesquisas em andamento com o táxon.

Especialistas e Núcleos de Pesquisa e Conservação:

Teresa Cristina Anacleto (UNEMAT/MT) e Kena F. M. da Silva (Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, UESC/BA)

Referências Bibliográficas

- Abba, A.M. & Superina, M. 2010. The 2009/2010 Armadillo Red List Assessment. *Edentata*, 11(2): 135-184.
- Anacleto, T.C.S. 2006. Distribuição, dieta e efeitos das alterações antrópicas do Cerrado sobre os tatus. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais). Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 139p.
- AnAge (The Animal Ageing and Longevity Database). HAGR (Human Ageing Genomic Resources). <http://genomics.senescence.info/species/>. (Acesso em 15/08/2012).
- Araújo, R.M.; Souza, M.B. & Ruiz-Miranda, C.R. 2008. Densidade e tamanho populacional de mamíferos cinegéticos em duas unidades de conservação do estado do Rio de Janeiro. *Iheringia Zoologia*, 98(3): 391–396.
- Bergallo, H.G.; Geise, L.; Bonvicino, C.R.; Cerqueira, R.; D'Andrea, P.S.; Esberard, C.E.; Fernandez, F.A.S.; Grelle, C.E.V.; Siciliano, S. & Vaz, S.M. 2000. Mamíferos. Pp. 125-135. In: Bergallo, H.G.; Rocha, C.F.D.; Van Sluys, M.; Geise, L. & Alves, M.A. (eds.). *Lista da Fauna Ameaçada do Estado do Rio de Janeiro*. UERJ, Rio de Janeiro. 205p.
- Biodiversitas. 2007. Revisão das listas das espécies da Flora e da Fauna Ameaçadas de Extinção do Estado de Minas Gerais (Resultados: Lista Vermelha da Fauna de Minas Gerais). Disponível em http://www.biodiversitas.org.br/listasmg/RelatorioListasmg_Vol3.pdf. (Acesso em 16/11/2011).
- Bonato, V. 2002. Ecologia e história natural de tatus do Cerrado de Itirapina, São Paulo (Xenarthra, Dasypodidae). Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade Estadual de Campinas. 80p.
- Ciochete, G. 2007. Uso do habitat e padrão de atividade de médios e grandes mamíferos e nicho trófico de Lobo-Guará (*Chrysocyon brachyurus*), Onça Parda (*Puma concolor*) e Jaguatirica (*Leopardus pardalis*) numa paisagem agroflorestal, no estado de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Ecossistemas Aquáticos e Terrestres). Universidade de São Paulo, São Paulo. 78p.
- Eisenberg, J.F. & Redford, K.H. 1999. *Mammals of the Neotropics, Volume 3. The Central Neotropics: Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil*. The University of Chicago Press, Chicago. 610p.
- Emmons, L.H. 1990. *Neotropical Rainforest Mammals. A Field Guide*. 1. ed. University of Chicago Press, Chicago. 281p.
- Encarnação, C.D. 1987. Contribuição à ecologia dos tatus (Xenarthra, Dasypodidae) da Serra da Canastra, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Zoologia). Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 210p.

Fonseca, G.A.B.; Herrmann, G.; Leite, Y.L.R.; Mittermeier, R.A.; Rylands, A.B. & Patton, J.L. 1996. Lista anotada dos mamíferos do Brasil. *Occasional Papers in Conservation Biology*, 4: 1-38.

Galbreath, G.J. 1985. The evolution of monozygotic polyembryony in *Dasyurus*. Pp: 243-246. In: Montgomery, G.G. (ed.). *The evolution and ecology of armadillos, sloths and vermilinguas*. Smithsonian Institute Press, Washington D.C. 451p.

Juarez, K.M. 2008. Mamíferos de médio e grande porte nas unidades de conservação do Distrito Federal. Tese (Doutorado em Biologia Animal). Universidade de Brasília, Brasília. 153p.

Lacerda, A.C.R.; Tomas, W.M. & Marinho Filho, J. 2009. Domestic dogs as an edge effect in the Brasília National Park, Brazil: Interactions with native mammals. *Animal Conservation*, 12(5): 477–487.

Loughry, W.J. & McDonough, C.M. 1997. Survey of the Xenathrans at Poço das Antas Biological Reserve. *Edentata*, 3: 5-7.

Margarido, T.C.C. & Braga, F.G. 2004. Mamíferos. Pp. 27-142. In: Mikich, S.B. & Bérnuls, R.S. (eds). *Livro vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná*. (Acesso em 01/11/2011).

McDonough, C.M.; De Laney, M.J.; Le, P.Q.; Blackmore, M.S. & Loughry, W.J. 2000. Burrow characteristic and hábitat associations of armadillos in Brazil and the United States of America. *Revista de Biología Tropical*, 48 (1): 109-120.

Mikich, S.B. & Bérnuls, R.S. 2004. *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná*. <http://www.maternatura.org.br>. (Acesso em 01/11/2011).

Nowak, R.M. 1999. *Walker's Mammals of the World*. v. 1. 6. ed. The Johns Hopkins University Press, Baltimore and London. 836p.

Oliveira, I.M. 2010. Riqueza, abundância de espécies e uso de hábitat por mamíferos de médio e grande porte em cinco Unidades de Conservação no Cerrado. Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade de Brasília, Brasília. 91p.

Paglia, A.P.; Fonseca, G.A.B.; Rylands, A.B.; Herrmann, G.; Aguiar, L.M.S.; Chiarello, A.G.; Leite, Y.L.R.; Costa, L.P.; Siciliano, S.; Kierulff, M.C.M.; Mendes, S.L.; Tavares, V.C.; Mittermeier, R.E. & Patton, J.L. 2012. Lista anotada dos mamíferos do Brasil. 2^a Edição. *Occasional Papers in Conservation Biology*, 6: 1-76.

Passamani, M. & Mendes, S.L. 2007. Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Estado do Espírito Santo. Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica, IPEMA, Vitória. 140p.

Pedro, W.A.; Peracchi, A.L.; Motta, M.C. & Lima, I.P. 2005. *Ordem Xenarthra*. Pp. 77-90. In: Reis, N.R.; Peracchi, A.L.; Fandino-Marino, H. & Rocha, V.J. (eds.). *Mamíferos da Fazenda Monte Alegre-Paraná*. Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil. 202p.

Perez, S.E.A. 2008. Ecologia da onça-pintada nos Parques Nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões, Piauí. Tese (Doutorado em Biologia Animal). Universidade de Brasília, Brasília. 106p.

Prado, M.R.; Rocha, E.C. & Giudice, G.M.L. 2008. Mamíferos de médio e grande porte em um fragmento de Mata Atlântica, Minas Gerais, Brasil. Revista Árvore, 32(4): 741-749.

Redford, K.H. & Wetzel, R.M. 1985. *Euphractus sexcinctus*. Mammalian Species, 252: 1-4.

Redi, C.A; Zacharias H.; Merani, S.; Oliveira-Miranda, M.; Aguilera M.; Zuccotti M., Garagna, S. & Capanna, E. 2005. Genome sizes in Afrotheria, Xenarthra, Euarchontoglires and Laurasiatheria. Journal of Heredity, 96: 485-493.

Sanderson, J. & Silveira, L. 2003. Observations of Xenarthra in the Brazilian Cerrado and Guyana. Edentata, 5: 41-44.

Santos-Filho, M. & Silva, M.N.F. 2002. Uso de habitats por mamíferos em área de Cerrado do Brasil Central: um estudo com armadilhas fotográficas. Revista Brasileira de Zoociências, 4(1): 57-73.

Schittini, A.E.F.B. 2009. Mamíferos de médio e grande porte no Cerrado Matogrossense: caracterização geral e efeitos de mudanças na estrutura da paisagem sobre a comunidade. Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade de Brasília, Brasília. 154p.

Silva, K.F.M. & Henriques, R.P.B. 2009. Ecologia de população e área de vida do tatu-mirim (*Dasyproctus septemcinctus*) em um Cerrado no Brasil Central. Edentata, 8-10: 48-53.

Silva, K.F.M. 2006. Ecologia de uma população de tatu-galinha (*Dasyproctus septemcinctus*) no Cerrado do Brasil Central. Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade de Brasília, Brasília. 43p.

Silveira, L.; Jácomo, A.T.A. & Diniz-Filho, J.A.F. 2003. Camera trap, line transect census and track surveys: a comparative evaluation. Biological Conservation, 114:351-355.

SMA (Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo). 2009. Anexo 5: Lista de Mamíferos do Estado de São Paulo. Pp. 599-606. In: Bressan, P.M.; Kierulff, M.C.M. & Sugieda, A.M. (coord. geral). Fauna Ameaçada de Extinção no Estado de São Paulo: Vertebrados. Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, São Paulo. 648p.

Smith, P. 2008. Seven-banded Armadillo *Dasyproctus septemcinctus*. In: Fauna Paraguay Handbook of the Mammals of Paraguay - Number 14. <http://www.faunaparaguay.com/mamm14Dasyproctusseptemcinctus.pdf>. (Acesso em 01/06/2012).

Superina, M. & Aguiar, J.M. 2006. A reference list of common names for the Edentates. Edentata, 7: 33- 44.

Thomas, C.D. 1990. What do real population dynamics tell us about minimum viable population sizes? *Conservation Biology*, 4(3): 324–327.

Traill, L.W.; Bradshaw, J.A. & Brook, B.W. 2007. Minimum viable population size: A meta-analysis of 30 years of published estimates. *Biological Conservation*, 139(1-2): 159–166.

Trolle, M. & Kéry, M. 2005. Camera-trap study of ocelot and other secretive mammals in the northern Pantanal. *Mammalia*, 69(3-4): 405-412.

Wetzel, R.M. & Mondolfi, E. 1979. The subgenera and species of long-nosed armadillos, genus *Dasypus* L., Pp. 43-63. In: J.F. Eisenberg (Ed.). *Vertebrate Ecology in the Northern Neotropics*. Smithsonian Institution Press, Washington, D.C. 271p.

Wetzel, R.M. 1985a. The identification and distribution of the recent Xenarthra. Pp. 5-21. In: Montgomery, G.G. (ed.). *The Evolution and Ecology of Armadillos, Sloths, and Vermilinguas*. Smithsonian Institution Press, Washington, D.C. 451p.

Wetzel, R.M. 1985b. Taxonomy and distribution of armadillos, Dasypodidae. Pp. 23-46. In: Montgomery, G.G. (ed.). *The Evolution and Ecology of Armadillos, Sloths, and Vermilinguas*. Smithsonian Institution Press, Washington, D.C. 451p.

Zimbres, B.Q.C. 2010. Efeito da fragmentação sobre a comunidade de tatus e tamanduás (Mammalia: Xenarthra) no Cerrado brasileiro: uma abordagem da ecologia de paisagens. *Dissertação (Mestrado em Ecologia)*. Universidade de Brasília, Brasília. 119p.

Ficha Técnica

Citação:

Faria-Corrêa, M.A.; Silva, K.F.M.; Anacleto, T.C.S. & Timo, T.P.C.

2015.

Avaliação do Risco de Extinção de *Dasyurus septemcinctus* (Linnaeus, 1758) no Brasil.

Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio.

http://www.icmbio.gov.br/portal_antigo/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-de-especies/7107-mamiferos-dasyurus-septemcinctus-tatui.html

Oficina de Avaliação do Estado de Conservação de Xenarthra Brasileiros.

Data de realização: 18 a 20 de julho de 2012.

Local: Iperó, SP.

Avaliadores:

Adriano Garcia Chiarello, Fábio Röhe, Flávia Regina Miranda, Gileno Antônio Araújo Xavier, Guilherme de Miranda Mourão, José Abílio Barros Ohana, Kena F.M. da Silva, Mariana de Andrade Faria-Corrêa, Sergio Maia Vaz, Teresa Cristina da Silveira Anacleto.

Colaboradores:

Amely B. Martins (Ponto Focal), Diógenes A. Ramos Filho (Sistema Sagu-i), Estevão Carino (Facilitador), Flávia Regina Miranda, Ivy Nunes (Mapas), Kena F.M. da Silva (Compilação), Marcos de S. Fialho (Ponto Focal), Taissa Régis (Apóio).